

Consumo alto, indústria parada

Economia avança 0,8% no 2º trimestre, dentro das previsões. Serviços puxam expansão

Editoria de Arte

Fabiana Ribeiro,
Henrique Gomes Batista e Clarice Spitz
economia@oglobo.com.br

A fase dos números vistosos no crescimento econômico ficou para trás. O Produto Interno Bruto (PIB) conjunto de produtos e serviços produzidos no país cresceu 0,8% no segundo trimestre em relação ao primeiro, contra uma alta de 1,2% no período imediatamente anterior (dado já revisado pelo instituto), divulgou ontem o IBGE. Frente ao segundo trimestre de 2010, a economia avançou 3,1%, abaixo, porém, dos 4,2% registrados de janeiro a março. Com crescimento mais fraco no país, mais uma vez, a demanda interna — consumo das famílias e investimento — garantiu o PIB brasileiro, de R\$ 1,02 trilhão entre abril e junho. E mesmo com o recente corte de juros na economia, especialistas não esperam grandes alterações no ritmo da produção para o resto do ano, o que deve levar o país a encerrar 2011 com uma expansão de 3,5%.

O consumo das famílias voltou a crescer em relação ao trimestre imediatamente anterior, saindo de 0,6% para 1%. Um movimento oposto ao que se observou na produção, onde a indústria teve forte desaceleração ao avançar meros 0,2% — o que evidencia um descasamento entre a oferta e a demanda. Até mesmo os serviços — que estão influenciando fortemente o desempenho da economia brasileira e também da inflação — cresceu em ritmo menor, passando de 1,1% para 0,8%. A atividade agropecuária, com queda na produção de milho, café e gado, registrou o pior desempenho, caindo de 3,3% no primeiro trimestre para uma retração de 0,1% no segundo trimestre. A conta foi fechada com forte aumento das importações — que impediu que o crescimento da economia brasileira atingisse 1,4% no trimestre, segundo Felipe Wajskop, economista do ABC Brasil.

Investimento também cresce

— A demanda interna continuou puxando o crescimento e parte desse consumo foi suprido por bens importados. Todas as atividades econômicas tiveram crescimento um pouco menor do que o registrado no primeiro trimestre deste ano, com exceção de serviços de informação, que engloba especialmente telefonia móvel, que cresceu bastante — afirmou Rebeca Palis, da Coordenação de Contas Nacionais do IBGE, acrescentando ainda que os dois aumentos da Selic contribuíram para desacelerar a economia brasileira no período.

A desaceleração da economia brasileira foi interpretada por alguns analistas como um movimento saudável.



Segundo Mônica de Bolle, economista da Galanto Consultoria, o ritmo menor do PIB, que já era esperado pelos especialistas, vem para ajudar a combater a inflação — uma das maiores preocupações do Banco Central (BC).

— O PIB continua forte, com uma desaceleração moderada. É salutar. Um crescimento anualizado de em torno de 3,5% não é tão ruim, dado a expansão forte do ano passado (7,5%) — disse Mônica, para quem o BC foi precipitado ao reduzir os juros para 12,0% ao ano, na última quarta-feira.

Carlos Eduardo Gonçalves, professor de Economia da USP, acredita que o

corte de juros ocorreu em hora inadequada, apesar de considerar a elevada inflação — perto dos 7,0% em 12 meses — para esse patamar do PIB.

— Há uma desconexão entre o forte setor de serviços e a indústria, que está fraca. Vemos que a alta dos preços está concentrada neste primeiro setor. E também está demorando mais do que o normal para que a baixa atividade industrial chegue ao resto da economia e reduza a alta dos preços.

Alex Agostini, economista da Austin Rating, além de considerar que o BC errou em cortar os juros agora, acredita que ele terá pouco impacto no

aumento da atividade neste ano e influenciará mais em 2012 — justamente quando a economia estará pressionada pelo forte aumento do salário mínimo, de 13,6%, e pela provável alta de gastos públicos no ano eleitoral.

O investimento avançou 1,7% em relação ao primeiro trimestre e 5,9% ante o mesmo período do ano passado. A taxa de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que mede o peso dos investimentos no PIB, atingiu 17,8% no segundo trimestre de 2011.

Júlio Gomes de Almeida, do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), lembra

que o setor industrial está muito fraco. Ele lembra que a indústria de transformação já registrou variação zero no trimestre e reduziu a previsão do crescimento da produção do setor para o ano, que já esteve em 4,5%, para 1,5%.

— O corte de juros do BC é um sinal que se sabe que a indústria está sofrendo, não anda bem. E o problema do setor pode se alastrar para a economia, que já está desacelerando. ■

• FAMÍLIAS CONTINUAM GASTANDO, na página 30